

30 Governador atira em antecessor

FOTOS: ARQUIVO

Wanderlan Farias

João Pessoa — Os três tiros que abalaram a política paraibana no início da tarde de ontem tiveram origem em 1991, quando o então governador eleito, Ronaldo Cunha Lima, autor dos disparos, pressionou a Assembléia Legislativa a negar autorização de empréstimo ao governador Tarcísio Burity a vítima, internado agora no Hospital Samaritano, em João Pessoa. Burity foi forçado a entregar o Governo com quatro meses de atraso nos salários do funcionalismo, passando a exercer forte oposição a Ronaldo. As sequelas transformaram-se em tragédia na bonita praia de Tambaú, em João Pessoa. O vice Cícero Lucena já assumiu o cargo, interinamente.

O atentado de ontem contra o ex-governador Tarcísio Burity (PFL), alvejado a queima-roupa pelo atual governador, Ronaldo Cunha Lima (PMDB), é até agora o último capítulo das divergências políticas entre os dois. Há dois anos, Ronaldo deveria assumir o Palácio da Redenção, sede do governo paraibano, sucedendo a Burity. Este precisava de uma autorização da Assembléia Legislativa para fechar um empréstimo bancário que lhe permitiria quitar a folha dos servidores públicos estaduais. Cunha Lima, que tinha maioria na Casa, manobrou para que os deputados recusassem a operação.

O resultado foi que Burity entregou — operado ontem mesmo e internado na CTI — entregou o Governo a Cunha Lima com atraso no pagamento ao funcionalismo. O ex-governador passou para a oposição. O curioso é que Ronaldo ajudou a eleger Burity governador, quando os dois, em 86, pertenciam ao PMDB. Burity começou a divergir politicamente de integrantes de seu partido e passou-se para o PRN. Embora em partidos diferentes, Burity e Ronaldo ainda não haviam se confrontado abertamente.

Em 1990, Ronaldo lançado candidato ao Governo da Paraíba, Burity apoiou o nome do ex-de-



Cunha Lima (E) atirou no antecessor Burity (D) após uma longa série de conflitos

putado federal João Agripino Neto, dissidente do PMDB também no PRN. Ronaldo passou ao segundo turno da eleição com o ex-governador Wilson Braga, do PDT, derrotando-o.

O ex-governador Tarcísio Burity, que tinha divergências com Wilson Braga, não apoiou oficialmente Ronaldo, mas também não se opôs. O ex-deputado João Agripino, alegando razões pessoais, encampou a candidatura de Ronaldo, influenciando positivamente em sua vitória. Muitos chegaram a insinuar, à época, que Burity teria dado apoio indireto ao candidato do PMDB.

Falência — Depois do episódio da negativa do empréstimo para pagar ao funcionalismo, no meio de 1991, o Banco Central decretou a falência do **Paraiban** — Banco do Estado da Paraíba — e Burity rompeu também com o então presidente da República,

Fernando Collor de Mello.

Ontem, por volta de 13h35, no restaurante Gulliver, na praia de Tambaú, um dos pontos de maior movimentação e a mais famosa praia de João Pessoa, o ex-governador Burity almoçava, em companhia do deputado federal Evaldo Gonçalves, presidente do diretório estadual do PFL na Paraíba, do também deputado Roberto Burity e do jornalista Marcone Góes, quando Ronaldo Cunha Lima entrou. Sem cumprimentar pessoa alguma, dirigiu-se à mesa de Burity, colocou uma das mãos em seu ombro, e com a outra puxou um revólver, dando-lhe três tiros à queima-roupa. Um acertou no ombro da vítima, outro na boca, e o terceiro perdeu-se.

Cunha Lima fugiu em direção a Campina Grande, a 120 quilômetros de João Pessoa, onde a Polícia Federal o prendeu no fim da

tarde, recambiando-o para a capital.

Vice — O vice de Ronaldo Cunha Lima, Cícero Lucena, é do PMDB. Embora político tradicional no Estado, este é seu primeiro mandato. Empresário bem sucedido no setor da construção civil, Cícero foi indicado companheiro de chapa de Cunha Lima com o apoio do PMDB. O atual vice é lembrado como forte opção para disputar o Palácio da Redenção em 94, caso o senador Humberto Lucena, presidente regional do PMDB não apresente condições eleitorais para a disputa. Humberto, embora com o mesmo sobrenome, não tem qualquer parentesco próximo com Cícero. Por coincidência, Cícero também almoçava no Gulliver, em companhia do segundo na linha de sucessão, o presidente da Assembléia, Gilvan Freire.